

Comunicação horizontal, Cultura popular e Folkcomunicação

Por Orlando Berti^[1]

O professor catedrático Jorge González Sanches da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) passa seis meses (entre outubro de 2010 e março de 2011) no Brasil realizando pesquisas, projetos conjuntos, proferindo palestras, instigando grupos de pesquisa e, principalmente, em ações de intercâmbio acadêmico e informacional. Atualmente, considerado um dos maiores pensadores em Comunicação na América Latina e autor de várias teorias ligadas à Comunicação e à Sociologia, Jorge González fala de Comunicação horizontal, comunicação e cultura, comunicação popular, Folkcomunicação, Luiz Beltrão e trata da importância de se conhecer e aprofundar mais os estudos sobre uma cultura subalterna. Performático, socializante e crente em uma comunicação diferente, o professor Jorge González, após visitas aos estados do Rio Grande do Sul, Piauí, Pernambuco, Amazonas e São Paulo, concedeu a seguinte entrevista (exclusiva) à *Revista Internacional de Folkcomunicação*.

Alguns trabalhos do professor Gonzalez podem ser conferidos no www.labcomplex.net, onde também estão disponíveis para acesso (livre) vários textos e livros do autor. Confira!



REVISTA INTERNACIONAL DE FOLKCOMUNICAÇÃO: Uma das contribuições do senhor às teorias latino-americanas diz respeito ao conceito de Comunicação horizontal. Como o senhor observa esse processo em relação à comunicação hegemônica?

JORGE GONZÁLEZ: Acho que temos um problema quando falamos na comunicação não horizontal. Para mim, a horizontal não é comunicação, é outra coisa; é imposição, é um exercício de poder. Para falar de comunicação devemos entender como uma forma de coordenar ações dentro de uma estrutura de poder e de imposição, não somente de conteúdos, mas de um modo de organizar para falar. Pois se fala escutando. Mas com uma comunicação não horizontal somente o pólo alto fala, os demais (pólos) escutam e vêem.

RF: E quais as conseqüências disso?

GONZÁLEZ: Temos de ver uma diferença importante como chamamos de comunicação hegemônica. Ela não é precisamente uma comunicação hegemônica, mas uma forma de relação para coordenar ações. Mas podemos falar de cultura hegemônica, com uma forma de ideologia ou construção sobre um mundo e o ser social que tem sido aceita não como própria, mas como uma forma de medida ou parâmetro para valorar a própria forma cultural. Então, falamos de cultura hegemônica quando a cultura de uma classe ou de classes mais ou menos solidamente aliadas tem sido aceita ou construída na história como a forma mais legítima. Para ter uma classe hegemônica precisa ter uma modulação do universo simbólico tenha uma aceitação do universo dos dominados e explorados.

RF: Como o senhor vê as contribuições dos estudos brasileiros ao Pensamento Latino-americano?

GONZÁLEZ: Acho que são muitas, muitas mesmo, principalmente na ordem da ciência da inteligibilidade do mundo social. Primeiro, em termos gerais, temos contribuições muito importantes de Florestan Fernandes, Octavio Ianni, de Theotonio dos Santos, com a crítica da teoria do desenvolvimento imposto pelos Estados Unidos.

RF: E no campo da Comunicação?

GONZÁLEZ: Temos contribuições com estudos do universo da cultura, das interações mediadas pelas significações. Temos grande quantidade de pesquisas feitas, tanto teórica, como empírica. Há uma cultura acadêmica e científica brasileira com muito contato com a cultura européia, também

com os gringos (norte-americanos), isso é muito importante e é também muito aberto. Posso citar Luiz Beltrão, nos estudos do Jornalismo, com mais aprofundado com formas mais culturais e populares; cito Renato Ortiz. O professor José Marques de Melo tem feito importante aportação não somente na parte conceitual, mas também na parte da produção de um lugar especial e respeitado no âmbito da comunicação, que não tinha antes no Brasil, como em outros países da América Latina. Antes a Comunicação era subordinada à Filosofia, à História, à Sociologia, muitas vezes não sendo considerada uma disciplina sólida. Acho que a contribuição de Marques de Melo foi importante para se consolidar esse pensamento. Beltrão (com culturas populares), Ortiz (na reconceitualização brasileira de globalização) e José Marques de Melo (nas Ciências da Comunicação) são extremamente importantes para a difusão e consolidação das ciências da Comunicação no Brasil.

RF: No Brasil na década de 1960 Luiz Beltrão procurava investigar a cultura dos grupos marginalizados. Que relação seus estudos têm com os estudos apresentados por Beltrão sobre as culturas subalternas (Folkcomunicação)? Em outros termos, que ligação há entre os estudos do senhor e os estudos de Beltrão?

GONZÁLEZ: Infelizmente, quando comecei a estudar as culturas subalternas no México, eu não conhecia e não tinha nenhum contato com os estudos de Luiz Beltrão. Comecei a estudá-lo (Beltrão) em profundidade em 1974 e 1975, tendo uma referência à Folkcomunicação de forma pequena. Conheci a teoria via professor José Marques de Melo, pois tinha pouco acesso à biografia de Beltrão. Hoje sei de sua tese de doutorado sobre Folkcomunicação e mais sobre a teoria graças a uma aluna brasileira de doutorado sanduíche que estudou na UNAM, que fazia sua pós-graduação sobre esse tema. Asseguro que Beltrão nunca leu nada meu! Mas, através dessa aluna, sei que tínhamos uma raiz comum à leitura e adaptação às idéias de Antonio Gramsci e de alguns antropólogos muito detalhadamente em composição das culturas locais. Dos estudos iniciais de Gramsci sobre cultura subalterna e cultura hegemônica acho que Beltrão também estudou, mas não considero como uma influência no meu pensamento, como também não considero ter influenciado no pensamento de Beltrão. Mas temos um interesse muito particular e muito coincidente. Muito tempo depois soube que ele se interessava pelos estudos de religião popular, com os ex-votos, processos de religião popular e análise dos ex-votos com cultura popular. Fiz trabalho no México sobre ex-votos, mas sem muito contato com a Folkcomunicação.

RF: A comunicação horizontal pode ser entendida como uma característica essencial na comunicação popular?

GONZÁLEZ: Sim, mas sempre quando falamos em comunicação popular falamos de um tipo de processo, que se sucede no âmbito das classes sociais e subalternas. Pegando-se o pensamento de Gramsci, esses mesmos processos também se dão nas culturas hegemônicas, pois a comunicação é um componente substancial, pois advém de todo vínculo social, pois a forma de exercício da comunicação desde a capacidade para organizar ações pode ser vertical ou horizontal. É mais eficiente e humana quando é horizontal. A outra não exerce um poder, pegando o pensamento de (Michel) Foucault. O que Beltrão chama de Comunicação Popular é uma forma de resistência à imposição das classes dominantes que termina tendo aceitação passiva ou ativa e reconhecimento que essas classes que dominam também têm ação.



[1] Jornalista, professor, pesquisador e extensionista da Universidade Estadual do Piauí (UESPI, campus de Teresina), onde procura entender parte dos processos comunicacionais no Sertão do Nordeste do Brasil. Doutorado em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Orlando também é colaborador da Revista Folkcom. E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br